

SAIDINHA DA PENITENCIÁRIA FEMININA DA CAPITAL: HISTÓRIAS DE LIBERDADE TEMPORÁRIA

Flavia Saiani

Este relato é fruto do meu trabalho de campo e de minha militância junto ao coletivo Por Nós, coletivo feminista abolicionista penal fundado em 2019 pelas irmãs Batia e Mary Jello, sobreviventes do cárcere, que auxilia mulheres encarceradas e sobreviventes do cárcere, através do cuidado como uma ação política, tanto com apoio à vida material, quanto contribuindo para a emancipação dessas mulheres. Tal pesquisa justifica-se no fato de contribuir para o campo dos “efeitos positivos” do encarceramento, considerando que essas mulheres produzem relações e tecem redes que auxiliam a sobrevivência pós-cárcere a partir de suas experiências na prisão. Além disso, a Por Nós tem como objetivo fornecer assistência material e afetiva, acionando redes a partir da mobilização de um repertório de atuação próprio de quem conhece as dificuldades de estar no cárcere, atendendo e apoiando a emancipação das mulheres que estão em situação prisional, e as que já se encontram em liberdade. Portanto, a Por Nós diferencia-se de outras organizações que atuam na defesa das pessoas encarceradas por se tratar de um coletivo que é feito por mulheres sobreviventes do cárcere para outras mulheres em igual condição ou que continuam presas, produzindo afetos nas relações de sobrevivência dentro e fora da prisão, transformando esses vínculos em engajamento político nas redes de solidariedade, que para além do cuidado, se convertem em voz e corpo dessas mulheres, produzindo materialidades que permitem que essas mulheres sobrevivam e reconstruam suas vidas para além do cárcere. A metodologia utilizada no trabalho é da etnografia da afetação, citada Rafael Godoi (2017). Assim como o autor, me apoio em Favret-Saada (2005), partindo do pressuposto que ser afetada nada tem a ver com empatia, já que eu não estaria me colocando no lugar das mulheres que compõem o meu campo, sentindo seus afetos; por outro lado, o fato de eu passar a ser parte da rede de apoio e afeto dessas sobreviventes também não me permite a distância de observadora, portanto, não sou conhecedora de seus afetos, mas afeto-me a ponto de ser movida a integrar a rede. Neste trabalho, será relatada uma das ações da Por Nós que é a “saidinha” temporária na porta da Penitenciária Feminina da Capital, localizada na Zona Norte de São Paulo, onde Batia e Mary já cumpriram pena. Durante a ação da saidinha, o Coletivo Por Nós fornece roupas, dinheiro da passagem e orientação para que as mulheres beneficiadas pela saída temporária possam retornar para casa, recebe denúncias, que serão encaminhadas para os órgãos responsáveis em parceria com a Defensoria Pública, e consulta os processos em parceria com a OAB. O relato deste trabalho apoia-se em minha participação enquanto

voluntária e pesquisadora na ação que ocorre quatro vezes por ano segundo a Lei de Execuções Penais e permite que essas mulheres saiam e encontrem novamente seus familiares. A partir de relatos do meu caderno de campo, apresenta-se a descrição de algumas cenas durante o dia da saída temporária, e do retorno à penitenciária, que ocorre uma semana depois, com as quais procuramos demonstrar como a Por Nós compõe esta rede, e se articula com outras redes, reiterando o viés sociopolítico do trabalho do coletivo.

Palavras-chave: Etnografia; Saída Temporária, Mulheres, Redes

REFERÊNCIAS:

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: Cadernos de Campo. **Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia social da USP**. SP: USP, FFLCH, nº 13, ano 14, 2005.

GODOI, Rafael. **Fluxos em Cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos**. São Paulo, Boitempo, 2017.